



Sonhos guiam a comunidade Kaingang - entrevista com Lidiane Damasceno Cotui Ignesta

Nesta conversa, com Rayane Kaingang, a cacique e professora Lidiane Damasceno Cotui Ignesta manifesta a força do feminino e o cuidado com as culturas Kaingang e Krenak, nos lembrando da singularidade de cada modo de viver. No seu trabalho com os jovens, ela promove o diálogo entre os saberes ancestrais e o currículo do estado, além de ser a gestora do museu Akãm Oram, coordenadora da dança Krenak e mestra artesã.



Desenho de Rayane Barbosa Kaingang



Na minha época escolar, o contato com a educação territorializada se fortaleceu a partir de práticas pedagógicas. Através do preparo de artesanatos e de histórias contadas por professores e os mais velhos. Foi a partir desse movimento que aprendi a escutar e praticar um diálogo com as formigas, o beija-flor e o milho. A partir de uma educação voltada ao diálogo e respeito com os territórios. Você, como professora e liderança, poderia me dizer como traz as plantas, rios e toda a diversidade cultural a participar das suas aulas e também como esse contato é ativo fora do contexto escolar.

Lidiane Damasceno

Dentro da luta e concepção de educação escolar indígena, eu uso principalmente o eixo espiral “de que tudo passa por todos”. Independente de ser na disciplina de português, matemática, história ou geografia. Todos se falam e eu sempre digo que “os não indígenas sempre usam caixinhas”: caixinha de português, caixinha da matemática. E uma não pode se misturar com a outra. Nas minhas produções e atividades, sejam elas voltadas às ervas medicinais, à culinária, ao canto, ou à dança - usamos aqui sempre todos esses eixos de aprendizagem. Eu procuro levar as crianças para vivenciar e coletar, para fazer e experimentar, tanto dentro da sala de aula como fora dela, além da comunidade, porque as nossas crianças começam a ser formadas antes de entrarem dentro de uma sala de aula. A gente senta em roda de conversa, seja em grupo familiar, grupo comunitário ou em rodas de amigos, e sempre relata às crianças e adultos fatos e acontecimentos. Para que dentro desses fatos e acontecimentos eles tirem um modo de vivência ou formas de sair de uma situação que venha acontecer futuramente.

Sempre fazemos essa vivência de relato, porque o não indígena é muito de escrita, escrita e escrita. O ensino do indígena é mais oral. Ou seja, no aprendizado na prática. Nas minhas aulas, principalmente eu que trabalho com linguagens e códigos, eu sempre busco trazer as narrativas para dentro da sala de aula, e depois peço para que as crianças transcrevam, ou levo as crianças onde tem uma memória viva dentro da aldeia.

Conversar com os mais velhos ou passar por lugares que aconteceram alguns fatos em algumas situações, faz parte da memória viva da aldeia. Fazemos essa articulação com as crianças para que elas possam ouvir e depois vivenciar e estarem presentes no local da memória, onde aconteceu alguma história, algum fato, algum acontecimento. Estamos sempre junto delas. E a culinária



também é uma maneira de ativação da memória. Não é só o modo de preparo do ingrediente que a criança vai aprender. A gente coloca ela para tirar o produto, a mandioca, para ir pescar o peixe e depois a gente limpa o peixe, torce a mandioca e, assim, a criança leva essa prática cultural para dentro de casa, ensinando ou revivendo as memórias que os mais velhos acabaram deixando adormecidas. É dessa forma que a gente faz as práticas na escola e com a comunidade. Vivemos dessa forma.

ClimaCom - Rayane Barbosa

Na escola, atualmente vocês trabalham com cânticos Kaingang e Krenak, e na maioria das letras, eles remetem a presença de seres da natureza. Por exemplo, existem cânticos que falam muito do espírito dos rios. A partir desse movimento, como podemos perceber na prática cotidiana a presença desses seres? E como aprendemos a ouvi-los ao cantarmos? Como no cântico: “O nosso rio tem espírito, ele traz a proteção e ele dá alimento e tudo mais”. Como podemos ouvir esses seres e como fomos ensinadas a ouvir? Eu aprendi a ouvir escutando os saberes dos mais velhos. Mas, como ensinar a nossas crianças hoje com a globalização, o mundo digital, em que nossas crianças estão conectadas a todo momento com propagação de vídeos relacionados à inteligência artificial etc.. Como valorizar e preservar esse espírito vivo dentro da vivência escolar e também dentro da comunidade para que não se torne algo banalizado? Às vezes fazemos um cântico que evoca os espíritos protetores, mas as crianças não acreditam mais nisso, acham que é tudo mentira. Hoje está se tornando mais difícil ter essa escuta, mais cuidadosa, mais singela, com os territórios de saberes indígenas, saberes ancestrais... Por isso eu gostaria de saber como podemos fazer na escola indígena para aprender a ouvir, a escutar. Vocês evocam o cântico do bambu do povo Krenak, não é? Vocês evocam ali também um chamado de proteção. Como ouvir esse chamado? Como isso reverbera no dia a dia da comunidade?

Lidiane Damasceno

Essas práticas culturais, sejam espirituais, religiosas ou apenas cânticos de casamento ou brincadeiras, nós também ensinamos às crianças. Ensinamos também a tradução das músicas, o que



aquele cântico diz e o porquê daquele cântico ser feito. Sempre orientamos as crianças, quando forem passar por algum lugar, ou entrar dentro de uma mata ou até mesmo dentro de um rio ou uma cachoeira do córrego, para pedirem permissão. Porque nós, povos indígenas, acreditamos muito que a natureza, o rio, é um ser vivo, ele tem que ser respeitado. Hoje toda tecnologia da inteligência artificial no mundo está fazendo com que tudo se torne superficial, tudo se torne “nada a ver”, como as crianças falam. O espiritual, o religioso, acaba se perdendo dentro dessas pessoas e quando você traz para o nosso jovem indígena eles trazem isso com uma energia muito forte. Os mais velhos sempre dizem: “Quando entrar num rio, quando for entrar numa cachoeira, entrar numa mata, para que uma cobra não te morda, para que você não morra afogado ou para que você tenha uma boa pesca ou uma boa caça, sempre tem que pedir permissão a mãe natureza, a mãe da água, ao rio que é o nosso pai velho”. Sempre acabamos passando para a juventude a importância das permissões. Hoje conseguimos ver o que está acontecendo no mundo, o homem não indígena não respeita a natureza, ele não vê a natureza como um ser vivo. Muitas vezes, a natureza acaba fazendo como o pai e a mãe que, para corrigir o filho, deixa o filho de castigo. A natureza está cobrando aquilo que foi tirado dela de uma forma muito brusca e violenta. Nós passamos isso para as crianças, que o que está acontecendo hoje no mundo é, muitas vezes, o retorno que a mãe natureza dá ao que antes o homem fez e tirou dela. O homem não indígena machucou a natureza, feriu e tirou o que a natureza dá para nós. O homem não indígena não conversou, chegou e fez, não pediu permissão, como nós, povos indígenas, fazemos. Quando vemos uma árvore crescendo porque vamos cortar ela? Nós só vamos protegê-la e, protegendo essa árvore, virão passarinhos e outros animais, vão nascer novas sementes e assim formar uma grande mata. O respeito perante os espíritos das matas sempre dialoga com as nossas práticas no dia a dia. Passamos para nossas crianças esse respeito com a mãe natureza, que é um ser vivo e potente. Essas práticas acabam reverberando através das narrativas dos mais velhos, que um dia caçou, pescou e pediu a devida permissão. Temos narrativas em que um de nossos mais velhos tirou uma raiz, uma erva, sem pedir permissão, e houve uma punição da mãe natureza e nunca mais esse homem fez esse movimento de desrespeito com a terra. Utilizamos esses exemplos para conversar com as crianças, assim elas acabam tendo esse respeito e diálogo com os seres da natureza e seres espirituais.



O jenipapo e os grafismos indígenas estão em todos os lugares, tanto nos rituais dos povos originários quanto em diferentes contextos dos não indígenas. Costumo dizer que a comercialização do sagrado vem se tornando muito grande. Muita gente pinta o corpo sem saber o porquê e o significado daquilo. Para nós indígenas, o uso do grafismo ocorre em momentos específicos: há grafismos de luto, de luta, de alegria e aqueles usados para a proteção do corpo carnal e espiritual. Desde a minha infância, participo da preparação da tinta do jenipapo. Até hoje, vejo os meninos e vocês fazendo esse movimento de coleta e preparação da tinta para, em seguida, realizar a pintura no corpo. Essa prática costuma ser feita ao anoitecer. Sempre foi assim, desde que me entendo por gente, tanto dentro quanto fora do espaço escolar. Esse ato de preparar a tinta e se pintar à noite influencia no resultado final, podendo fortalecer a proteção ou não.

Gostaria que você falasse um pouco sobre os grafismos: que tipos são usados para as crianças, para as meninas e meninos, para as mulheres mais velhas e para os homens mais velhos. Muitas vezes, as pessoas pensam que os grafismos são os mesmos para diferentes corpos, mas não é assim. Sabemos que há grafismos específicos para as crianças, para os mais velhos, para a sabedoria, para a proteção e para a luta. Gostaria que você falasse também sobre como essa prática é ensinada desde a infância. Hoje, se pedirmos para um grupo de crianças fazer essa pintura, elas demonstram respeito pelo jenipapo. As meninas, por sua vez, precisam considerar seu ciclo menstrual, pois há um respeito em relação a essa prática e aos corpos. Além disso, gostaria de saber como a escola pode ser fundamental nesse ensinamento. Afinal, aprendemos a prática da pintura também dentro da escola. Quero ouvir mais sobre os elementos da tinta de urucum e do jenipapo, que usamos bastante, e entender como esses dois elementos sagrados permanecem vivos dentro da aldeia e dentro de nós.

Lidiane Damasceno

Os Kaingang e Krenak faziam amplo uso do jenipapo em suas pinturas corporais. O povo Kaingang utilizava bastante a argila preta, enquanto os Krenak usavam uma mistura de resina com o carvão de uma madeira esponjosa. Com o tempo, e a necessidade de adaptação cultural, o jenipapo foi sendo inserido em diferentes tradições indígenas. Para nós, povos indígenas, o jenipapo tem um significado profundo. Costumo compará-lo, para facilitar o entendimento, à maquiagem dos não



indígenas, mas com funções específicas. Entre os Krenak, por exemplo, apenas os Guardiões das aldeias podiam usá-lo. O jenipapo era utilizado para camuflagem pelos grandes guerreiros, que eram escolhidos entre os homens mais fortes e altos para proteger os arredores da aldeia. Ao se pintarem com jenipapo, sua pele adquiria um tom negro, permitindo-lhes esconder-se nas sombras das árvores e da mata. Já aqueles que não exerciam essa função dentro da aldeia usavam uma mistura de carvão com resina, cuja pigmentação saía rapidamente. O jenipapo, por outro lado, tinha uma durabilidade muito maior, sendo ideal para os guerreiros que precisavam se manter camuflados por mais tempo. O jenipapo, ao contrário de outras tintas, demorava a sair do corpo. Isso refletia em diferentes formas de uso entre os povos indígenas. Segundo os mais velhos, os homens que se pintavam com jenipapo antigamente não podiam ter relações com suas mulheres enquanto a tinta permanecia no corpo. No entanto, aqueles que não exerciam essa função na aldeia muitas vezes queriam se pintar com jenipapo, pois achavam a pintura bonita. Para isso, utilizavam uma técnica diferente: cortavam o jenipapo, colocavam-no para cozinhar na brasa ou na fogueira, depois retiravam e aplicavam a tinta, que já deixava a pele escura imediatamente. No entanto, esse método fazia com que a tinta saísse mais rápido, permitindo que, após três ou quatro dias, os homens pudessem retomar relações com suas mulheres. No caso das mulheres casadas, suas pinturas eram mais simbólicas e discretas, para não chamar muita atenção. Os homens casados também adotavam pinturas mais sóbrias. Já os homens solteiros faziam pinturas chamativas, bem alinhadas e retas, com o intuito de atrair a atenção das indígenas ou indígenas de outras aldeias. As crianças, por sua vez, recebiam pinturas mais simples, pois, como correm, brincam e pulam bastante, suas pinturas acabam se desgastando mais rápido. Essas são algumas das tradições que seguimos até hoje aqui em Vanuíre em relação às pinturas corporais.

Com a colonização, a invasão e a tomada dos territórios indígenas, perdemos muito do nosso patrimônio cultural. Fomos obrigados a esquecer e deixar para trás aspectos importantes da nossa identidade, como os grafismos, as pinturas, os saberes tradicionais e até mesmo a produção de tintas, que antes eram feitas a partir de ervas, raízes e troncos, sua língua e qualquer outra manifestação cultural. Hoje, muitas dessas técnicas foram perdidas devido a essa invasão e violência contra nossos antepassados. Além disso, os povos indígenas, em todo o Brasil, foram obrigados a esquecer e a não praticar sua cultura, o resultado de uma violência viva até o presente momento em muitos territórios indígenas, principalmente aqui na aldeia Vanuíre. Antigamente, se nossos



mais velhos tentavam preservar esses costumes, como falar a língua materna, corriam grandes riscos de vida. Caso o chefe de posto, que “mandava” na aldeia ouvisse os indígenas se comunicando em sua língua, eles eram castigados, presos, agredidos e, em muitos casos, simplesmente desapareciam com os nossos avós, tios, tias, e primos. Por isso, não poderia manter suas tradições e algumas práticas foram levadas para o túmulo. Muitas vezes, quando perguntávamos aos mais velhos sobre conhecimentos específicos, eles riam e se recusavam a falar. Acreditavam que se compartilhasse esses saberes nós iríamos vendê-los ou comercializá-los de alguma forma. Mesmo quando explicamos que nosso objetivo era resgatar a cultura, eles olharam para nós com desconfiança. Dizíamos que queríamos revitalizar as tradições, mas, ao ouvirem isso, muitos começaram a chorar e se negaram a ajudar, pois temiam que fôssemos castigados da mesma forma que eles foram no passado. Com o tempo, conseguimos recuperar parte desse conhecimento, especialmente no que diz respeito às pinturas tradicionais. Os mais velhos sempre nos diziam que os grafismos foram inspirados em animais, nos insetos, nas cobras, nas teias de aranha e até no couro de alguns bichos. Hoje, os mais jovens seguem essa linhagem e mantêm vivas essas práticas. Existem grafismos específicos para solteiros, casados e viúvos, mulheres, homens e crianças, com diferentes padrões e formas. Atualmente, buscamos resgatar esses saberes dentro da nossa comunidade. Um dos avanços que conseguimos foi a retomada das técnicas de produção de tintas naturais, como as feitas com jenipapo e urucum. O urucum pode ser fervido até se transformar em uma pasta que dura por muito tempo ou ser utilizado in natura, coletado e macerado, soltando até sua tinta. Em alguns casos, misturamos essa tinta com óleos para melhor fixação. O jenipapo, por sua vez, exige um cuidado especial. Ele possui um momento ideal para a remoção da tinta. Durante a seca, o fruto maduro, cai e dá lugar a novos frutos. Se for escolhida nessa época, sua tinta ficará muito clara e desaparecerá da pele em menos de uma semana. Por isso, precisamos respeitar o ciclo da natureza para garantir uma coloração forte e respeitar o ciclo espiritual deles também. Observamos, por meio da coleta realizada pelos jovens para as pinturas de rituais, que no período seco e frio a tinta do jenipapo não tem boa fixação. Assim, ensinamos e aprendemos a respeitar o tempo do jenipapo e o tempo da natureza.



Os sonhos também são um elemento muito importante na educação territorializada e na formação da nossa identidade cultural. Através deles, aprendemos a escutar, interpretar sinais e a desvendar mensagens. Muitas vezes, sonhamos com nossos antepassados ou com animais que possuem uma representação forte em nossa cultura. Quando esses elementos aparecem, é essencial termos uma escuta sensível para compreender seu significado. Acredito profundamente nos sonhos. Sonho muito e, a partir dessas visões, surgem os desenhos que trabalho no meu dia a dia. Com frequência, sonho com minha avó ou com alguns dos elementos que mencionei (milho, formiga e beija-flor). No entanto, o que mais aparece nos meus sonhos são as formigas. Ouvindo as histórias dos mais velhos e aprendendo com os ensinamentos da cosmologia Kaingang, descobri que as formigas são consideradas como avós, as guardiãs dos saberes. A partir disso, comecei um diálogo mais profundo entre meu corpo, meus sonhos e a escuta desse conhecimento invisível para os olhos humanos, por isso esses espíritos e ensinamentos vem através de sonhos, para que nosso olho espiritual consiga enxergar esses elementos não humanos. Em alguns momentos, os antepassados ou determinados animais aparecem nos sonhos trazendo mensagens que devem ser guardadas apenas para nós, em forma de conselho, um aviso. É importante saber interpretar e respeitar essas comunicações. Sempre ouvimos os mais velhos dizendo: "É preciso respeitar os ancestrais, respeitar os sinais e respeitar os sonhos". Acredito que os sonhos são uma manifestação do sagrado e da sabedoria que se revela para nós. Diante disso, gostaria de saber: você tem experiências ou ensinamentos que surgiram através dos sonhos? Como lidar com essas percepções, especialmente como liderança e como mulher no mundo de hoje?

Lidiane Damasceno

O meu povo, tanto o Krenak quanto o Kaingang, tem uma forte conexão espiritual com os sonhos. Para nós, os sonhos são respostas para o nosso mundo, um meio pelo qual recebemos orientações sobre aquilo que precisamos ouvir. Muitas vezes, quando buscamos conselhos com um pai, um avô ou um amigo, não encontramos a resposta exata para aquilo que nos aflige. No entanto, durante o sono, pode surgir alguém ou algo que nos traz essa resposta. Algo que, no fundo, já estamos discutindo internamente. Esses conselhos podem ser manifestados através dos animais, da água, da chuva, do vento, elementos que carregam significados profundos dentro de nossa cultura. Os



povos indígenas têm essa conexão muito forte com os sonhos, pois eles são um meio de comunicação entre o visível e o invisível.

Antigamente, entre os Kaingang, existiam as Kunhã, e entre os Krenak, o Xamã. Essas figuras sagradas e religiosas tinham sonhos que lhes permitiam proteger as crianças e guiar a comunidade. Através dessas visões, as pessoas que tinham o dom de de Kunhã e Xamã recebiam mensagens e interpretavam sinais do mundo espiritual, garantindo o equilíbrio e a proteção do povo. Eles sabiam onde estavam os alimentos, onde estavam as ervas e qual o caminho que as comunidades deveriam seguir, além de prever o que aconteceria. Isso sempre acontecia através dos sonhos, que se materializavam em um animal ou em uma pessoa do nosso convívio, que, muitas vezes, havia falecido e vinha nos orientar. Tanto no meu povo Kaingang quanto no meu povo Krenak, temos uma ligação forte com os sonhos, com o natural e com os ancestrais. Muitas vezes, um avô, uma avó, um tio, uma tia, um pai ou uma mãe se materializam nesses sonhos, vindo nos falar e nos orientar. Às vezes, isso se dá por meio de uma bronca, como aconteceu comigo, através da minha avó, que já é falecida e era muito sábia. Já fui acalmada e aconselhada por minhas avós, avôs, tios, tias e primos também falecidos. Entendemos esses momentos como uma ligação, como se fosse pegar um telefone para pedir ajuda, e essa ajuda vem em resposta, muitas vezes materializada em forma de sonhos. Essa resposta pode vir também através dos animais. Às vezes, dentro de casa, aparece um ser sagrado, como uma beija-flor, uma borboleta ou um passarinho. Quando isso acontece, só de olhar para esse ser, algo no nosso interior se acalma. Aprendi muito com as minhas avós sobre essas questões dos sonhos. Com a água também. Quando a água está limpa e calma, isso representa uma situação tranquila. Já quando a água está turva, violenta e forte, isso indica outra situação, mais difícil ou que algo terrível está para acontecer. Sonhos com pessoas chorando ou sorrindo indicam diferentes significados. Nos alegramos muito quando sonhamos com crianças, pois isso é considerado uma boa percepção. Isso é algo que aprendemos desde pequeninhos, quando sentamos com os mais velhos e dizemos: “sonhei assim, assim e assim”, e eles nos explicam o que isso significa e o que pode acontecer. Nós, como povos indígenas, procuramos passar esse conhecimento para nossos filhos. Nós percebemos que eles acreditam e determinam o que dizemos quando acordam e chegam para conversar conosco, dizendo: “olha, sonhei assim, assim e assim, o que será que significa?”. Nós lembramos dos sonhos que tivemos no passado, e como nossas avós ou mães explicaram: “isso significa aquilo”. Assim, orientamos nossos filhos sobre o que significa o



sonho e suas mensagens, alertamos sobre perigos que podem surgir, ou simplesmente os deixamos avisados para alguma situação futura. Para nós, povos indígenas, o sonho é uma resposta para aquilo que buscamos, seja no campo espiritual ou material, seja na convivência com a família, com os amigos, ou em outros aspectos da vida, como no trabalho. O sonho é, na verdade, uma resposta para muitas coisas. Essa ligação com a natureza também é importante para nós. Sempre digo que os animais e o vento têm um papel fundamental nesses processos. A chuva sempre tem uma resposta para nós. Uma coisa que pensamos profundamente é que o espiritual está sempre conosco. De repente, você está andando e algo acontece, ou algo perigoso aparece à sua frente e você para e sente que não pode seguir em frente. Acreditamos que isso é um sinal para que você não prossiga, pois pode acontecer algo pior no futuro. Essa interpretação também se aplica aos sonhos. Para nós, os sonhos são avisos, se você continuar, algo pode acontecer, ou se você parar, pode ser que não consiga alcançar algo bonito que está à sua frente.

É assim que interpretamos os sonhos.

* Esta entrevista foi feita por Rayane Barbosa Kaingang como parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Educação Territorializada Kaingang: Pedagogias que Brotam do Chão - apresentado como requisito para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação (FE), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob orientação da Profa. Dra. Susana Oliveira Dias.